

A paixão que virou ciência: o estudo genealógico das famílias Cantoni e Belletti

Priscila Silva dos Santos¹

Palavras-chave: genealogia, imigração italiana, Zona da Mata Mineira

19 de maio de 1896. O vapor *Attività* levava a bordo 1029 passageiros, dentre eles, cinco membros da família Belletti: meu trisavô Costantino Belletti, minha trisavó Cesarina Cantoni, seus dois filhos Cesare e Enrico e o sobrinho-afilhado Luigi Belletti. Minha trisavó trazia, ainda, em sua barriga aquela que seria minha bisavó Maria, que nasceria em setembro do mesmo ano.

No dia 20 de maio, eles e outras famílias seguiram de trem até Juiz de Fora dando entrada na Hospedaria Horta Barbosa, local em que aguardariam até obterem um contrato de trabalho. Cinco dias depois, a rota seria rumo a Tombos do Carangola, sendo empregados na Fazenda da Serra, de propriedade de Maximiliano Pinto de Vasconcelos. Como já faziam na Itália, meus trisavós continuaram a trabalhar como agricultores no Brasil. Nunca conseguiram fazer fortuna e, muito menos, voltar à Itália. Contudo, em minha opinião, deixaram algo muito mais precioso: o exemplo do quão importante é perseguir os seus sonhos e mesmo que o resultado não seja como o planejado, deve-se arriscar e tirar uma lição de todo o caminho percorrido.

Esse pensamento me guia desde meados de 2008, quando tomei consciência, mais concretamente, da minha origem italiana. Desde criança, sempre ouvi pequenas histórias sobre meus antepassados, nada com muitos detalhes. Mas foi essa ausência que me instigava em descobrir quem eram eles, por que vieram para o Brasil, como foram parar em Minas Gerais? Minhas tias e minha mãe não sabiam responder às minhas perguntas e minha avó Ilda, imagino que pela vida sofrida que teve, não gostava de lembrar do passado. Em 2011, ela estava um pouco debilitada de saúde e com o início de um quadro de Alzheimer. Sabe-se que quando essa doença começa, a pessoa não se lembra tanto de acontecimentos presentes, mas sim, passados. E foi, então, que minha avó começou a me contar algumas coisas. Em setembro do mesmo ano ela faleceu, mas uma frase que ela me disse naquela conversa, eu nunca esqueci: “eu queria muito um dia ir à Itália procurar os parentes da minha mãe”. E ela não foi sozinha, em janeiro de 2018 fomos juntas!

Antes de contar como se deu essa viagem, tenho que voltar no tempo e parar em Carangola, no ano de 2014. Nessa pequena cidade mineira vivia Lauricy Belletti, prima da minha avó e filha de Luigi Belletti. Até então, eu não a conhecia pessoalmente, mas fizemos o primeiro contato quando eu comecei a encontrar alguns documentos sobre a chegada da nossa família ao Brasil, deixando-a muito interessada. Antes da minha visita à sua casa em Carangola, nos encontramos na casa da minha tia, na cidade vizinha de Pedra Dourada. Lá, entreguei para ela as listas de desembarque no

¹ Priscila Silva dos Santos é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, atualmente, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ).

Rio de Janeiro e a de entrada na hospedaria. Entusiasmada com tantas informações, Lauricy me convidou para ir à sua casa da próxima vez em que eu voltasse a Minas Gerais (eu moro no Rio de Janeiro). Alguns meses depois, nos encontramos novamente. Ela nos convidou para um lanche e passei toda a tarde ouvindo histórias de seu pai. Como foi bom! Ao final, Lauricy me deu uma cópia de todos os documentos que ela tinha, incluindo um muito valioso: uma carta enviada da cidade de Pomponesco para o Brasil, tendo como remetente Rosa Belletti - uma prima que lá permaneceu. Hoje, Lauricy já é falecida, mas muitas das minhas descobertas devo a ela e ao seu empenho em me ajudar.

Em dezembro de 2015, tive a oportunidade de ir à França, e claro, estando tão próxima do *Belpaese*, eu não podia deixar visitá-lo. Eu não quis conhecer nenhum ponto turístico ou grande cidade, meu objetivo sempre foi resgatar minhas origens. Logo, meu destino foi Pomponesco, um povoado mantovano com pouco mais de 1.700 habitantes e de onde, há 46 anos atrás, havia sido enviada a carta. Até chegar lá, tive grande ajuda do meu namorado Manuel e minha amiga Erica. Manuel é francês e era o motivo pelo qual eu iria visitar a França. Erica é italiana e me ajudava quase todos os dias a traduzir frases que eu não entendia em italiano e a escrever mensagens para o prefeito de Pomponesco, Giuseppe Baruffaldi. Aliás, foi ela quem fez o primeiro contato com ele – pois meu italiano ainda era muito básico - para saber como poderíamos chegar até a cidade, uma vez que não existe transporte público até lá. Para nossa surpresa, o sr. Baruffaldi recomendou que fôssemos até Milão, pegássemos um trem para Parma e lá ele nos buscaria. Assim aconteceu! No dia 30 de dezembro de 2015, eu e Manuel chegamos pontualmente às 9h00 na estação de trem de Parma para esperar pelo prefeito. Alguns minutos depois, parou perto de nós um carro da prefeitura de Pomponesco e dele saiu um senhor de bigodes brancos levando uma boina na cabeça. Era o sr. Baruffaldi, que muito gentilmente ia encontrar uma brasileira e um francês para conhecerem a última cidade onde moraram os Belletti antes de “fazerem a América”.

Em Pomponesco, conhecemos o comune e passeamos pela cidade com o sr. Paolo Tortella – responsável pelo turismo local. Ao saber que eu portava a carta de Rosa, enviada há tantos anos da casa de repouso do povoado, ele nos levou lá para irmos atrás de informações. A secretária que nos atendeu disse que ocupava esse cargo há pouco tempo, mas Maristella era quem havia trabalhado lá por volta dos anos 70 e, certamente, deveria ter a conhecido. Prontamente, ela entrou em contato com Maristella que pediu-a para nos avisar que às 14h00 nos esperava em sua casa. Ao sair da casa de repouso, nos despedimos do sr. Tortella, fomos almoçar e passear um pouco mais pela cidade.

Logo, já era hora de nos encontrarmos com Maristella - uma senhora muito simpática e falante! Contou-nos que Rosa era sua vizinha, mas só voltava para a casa no verão devido a sua idade avançada. Ela tinha duas filhas adotivas, porém, nunca se importaram muito com a mãe e viviam longe dali. Rosa ainda tinha um enteado que morreu jovem, filho de um dos dois esposos

que ela teve e que também faleceram, deixando-a sozinha.

Comentou-nos, ainda, que Rosa era muito triste e depressiva, tanto que uma vez tentou se suicidar no Rio Po, mas conseguiram resgatá-la. Ela nunca falou sobre ter parentes no Brasil e foi uma surpresa para Maristella sabê-lo, além do mais, que depois de tantos anos alguém iria buscá-la. Muito contente, Maristella saiu disparada de sua casa e a seguimos. Atravessamos a rua e entramos na casa de Felicina - uma senhora com um olhar calmo e doce. Depois de explicarmos quem éramos e o que fazíamos em Pomponesco, Felicina se recorda de Rosa e começa a nos falar sobre as filhas dela. Neste momento, abre sua agenda, pega o telefone de uma delas e faz uma ligação. Infelizmente, a chamada não se completou e não conseguimos fazer contato. Porém, Felicina e Maristella concordaram que Rosa deveria estar muito feliz, desde o céu, em saber que alguém de tão longe cruzou um oceano para procurá-la.

Após conhecermos suas duas vizinhas, fomos até o cemitério visitar o túmulo de Rosa. Ao encontrarmos o local, vimos sua foto na lápide e era, incrivelmente, parecida com a minha avó Ilda. Para registrar a surpresa, coloquei ao lado uma foto da minha avó que eu levava comigo. Penso que ambas estavam felizes de se encontrarem, assim como eu estava. Saindo de lá, reencontramos o sr. Tortella que nos levou até a casa de mais pessoas que conheceram Rosa e também, à casa da família Cantoni – até o momento, eu não sabia a origem da família da minha trisavó, Cesarina Cantoni. Sabia somente que meu trisavô era de Casalmaggiore, se casaram em Viadana e moraram em Pomponesco antes de virem para o Brasil. Como todos os pomponescani, os Cantoni nos receberam muito bem, mas infelizmente, eu ainda não tinha encontrado a origem do outro ramo da família que faltava. No entanto, por volta de junho de 2017, descobri o local em que ela tinha nascido e como bônus, primos italianos e argentinos!

Descoberta a cidade de origem da minha trisavó (Poviglio), fui buscar fotos do local na rede social *Instagram*. Dentre várias imagens de um pacato povoado emiliano-romagnolo, havia uma em que continha uma certidão de nascimento lá emitida e tinha sido publicada na plataforma por uma moça argentina, de nome Guillermina Chiodin. Escrevi-lhe uma mensagem dizendo que minha trisavó também era daquela cidade e tinha vindo para o Brasil em 1896. Fiquei curiosa em saber o nome de seu antepassado povigliese, então, não perdi tempo em perguntar! Para minha surpresa, alguns minutos depois, ela me respondeu. A resposta foi inacreditável para o momento. Sua trisavó era filha de Vincenzo Cantoni e se chamava Elisa. Quando lhe falei que minha trisavó tinha o mesmo sobrenome, começamos a buscar em nossas árvores genealógicas algum sinal de parentesco. Infelizmente, só possuíamos informações até nossos tetravós.

Por sorte, naquele momento eu estava em contato com o sr. Giuseppe Ballabeni - arquivista das paróquias de Poviglio. Com um pouco de receio de ser um incômodo, lhe escrevi se poderia verificar em seus arquivos se havia algum parentesco entre Cesarina e Elisa. No dia seguinte,

Giuseppe me responde dando a notícia de que elas eram primas! Vincenzo e meu tetravô, Enrico Cantoni, eram irmãos! E mais: ele se ofereceu em dar-nos o contato de uma trineta de Enrico, Carolina Cagossi, quem sempre frequentava o arquivo paroquial. Parecia ser um sonho. Em apenas uma tarde descobri uma prima argentina e uma prima italiana! Eu e Guillermina entramos em contato com Carolina, que foi super simpática conosco e, prontamente, foi-nos apresentando outros primos povigliesi. Criamos até um grupo no Facebook chamado “Cantoni nel Mondo”, em que eu apresentava os Cantoni brasileiros, Guillermina os argentinos e o primo Enrico, a parte da família que ficou na Itália.

Em dezembro, surgiu-me a oportunidade de regressar à Itália. Quando informei aos primos italianos que eu gostaria de visitá-los, Guillermina rapidamente também organizou sua viagem. Afinal, era a oportunidade de reunir a família depois de mais de 100 anos que Elisa e Cesarina cruzaram o Atlântico. Carolina junto ao primo Enrico, proprietário do hotel e restaurante “Casa Motta”, planejaram um almoço com “tutti i Cantoni” para o dia em que chegássemos. Compareceram 33 pessoas, todas muito curiosas para conhecer as primas latino-americanas. Nosso almoço teve direito a entrevista para o jornal “Il Resto del Carlino”, para o jornal local de Poviglio e convites para participarmos de programas dos canais RAI 1 e RAI 2. Infelizmente, nossa aparição na TV italiana ficará para um próximo encontro familiar. Porém, já sonhamos com a próxima reunião dos Cantoni. Novamente em Poviglio, ou quem sabe no Brasil ou na Argentina?

Mas, minha pesquisa genealógica ainda não chegou ao fim. Falta-me descobrir por onde andam os Belletti e também, terminar minha dissertação de mestrado. Todo esse amor pela minha origem, motivou-me a transformá-lo em ciência e a entrar para o mestrado em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Como disse Max Weber² (2011), devemos dedicar-nos a fazer aquilo que nos apaixona, senão não valerá a pena o esforço para algo que não seja nossa vocação e não lograremos êxito. No entanto, não convém deixar-se levar pela paixão, ela serve somente como inspiração. O trabalho deverá ser feito racionalmente, assim surgirá a intuição que encaminhará o projeto para a escolha de uma metodologia. Por isso, o autor afirma que não basta estarmos apaixonados por um tema se não refletirmos sobre ele anteriormente. Isso é fazer ciência.

Portanto, por meio da minha própria genealogia, conseguirei traçar um percurso para contextualizar os imigrantes italianos na cidade de Pedra Dourada. Outrossim, tenho como objetivo discutir como se construiu a identidade de seus descendentes, relacionada a mudanças econômicas, políticas e sociais no Brasil.

Tanto quanto fui ajudada durante meu percurso de pesquisas, espero colaborar por meio do

² WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. Tradução: Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. 18ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2011. 128 p.

meu trabalho para que os ítalo-brasileiros aprofundem seus conhecimentos por essa brava gente que deixou a Itália para recomeçar uma nova vida em terras tupiniquins.